

CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO MEDIEVAL ATRAVÉS DA OBRA DE JEAN DE MANDEVILLE

Maria Betânia Leal Pereira ¹

Naiara Isabela Matias ²

Anderson Claytom Ferreira Brettas ³

RESUMO

O artigo visa analisar de que forma as histórias contadas por Jean de Mandeville, originário de sua obra *Viagens de Jean de Mandeville* ou *Livro das Maravilhas do Mundo* interferiram e contribuíram para construção da história medieval e consequentemente para seu imaginário. Essa obra, supostamente finalizada, entre os anos de 1356 – 1357, é composta por relatos de suas supostas viagens pelo mundo, juntamente com outras fontes literárias e referências geográficas, que contavam histórias de diversos lugares do mundo, principalmente pontuadas no oriente médio, em lugares de representatividade tanto religiosa quanto mitológicas. Sua obra foi sem dúvidas, bastante popular no continente europeu nos séculos XIV, XV e XVI, sendo uma das mais lidas por diversas línguas europeias. No entanto, sua forma de escrita muitas vezes não usual para época, assim como a utilização de outras fontes e seus relatos extensos, apontaram incoerências, fazendo com que estudiosos do século XIX contestassem inclusive não somente origem das suas histórias, como também a identidade do próprio Jean. Para o desenvolvimento dessa pesquisa será utilizada a edição traduzida por Susani Silveira Lemos França. Assim, através dessa obra, será possível mapear as histórias contadas pelo autor e identificar essas sedutoras histórias que podem ter contribuído para o desenvolvimento do imaginário desse período.

Palavras-chave: Idade Média, Imaginário Medieval, Jean Mandeville.

INTRODUÇÃO

O período histórico conhecido como Idade Média, corresponde segundo a divisão da história, entre século V ao século XV, ou seja, cerca de dez séculos. Com isso, uma das suas principais características é sua extensa temporalidade, marcada por acontecimentos e eventos históricos que foram construindo sua identidade. Para além das

¹ Mestranda do Curso de Pós-graduação em Mestrado Profissional em Educação Tecnológica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro - IFTM, m.betanialeal@hotmail.com;

² Mestranda do Curso de Pós-graduação em Mestrado Profissional em Educação Tecnológica do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Triângulo Mineiro - IFTM, naiara.matias@hotmail.com;

³ Professor orientador: Doutor em educação do Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro - IFTM, brettas.professor@hotmail.com.

concepções que giram em torno desse período, como as relações de poderes, as guerras, a criação e a consolidação da Igreja, dentre tantas outras, esse período é marcado por mistérios, mitos e lendas, podendo trazer uma perspectiva em que suas histórias soem irreais ou questionáveis para o leitor do século XXI.

No livro *Viagens de Jean de Mandeville*, é possível ver esse universo criado em torno desse período. Escrita entre os anos de 1356-1357, a obra foi uma das mais populares da Europa no final da Idade Média. Para mais, sucesso notável pelos, aproximadamente, 250 manuscritos conhecidos nas mais diversas línguas europeias, e pelas 80 edições realizadas a partir do final do século XV (FRANÇA, 2007, 13).

Na obra, o suposto autor – o cavaleiro Jean de Mandeville – ousa a descrever lugares que havia percorrido, regiões conhecidas como Jerusalém, do Oriente próximo e também sobre regiões nem tão conhecidas, na qual denomina de ‘Oriente mais distante’ indicando regiões que corresponde a Ásia, tendo um teor encantado e sobrenatural, com referenciais religiosas e até bíblicas. Também relata sobre os costumes dos povos, características físicas de criatura exóticas e de seres pouco convencionais encontrados nessas regiões, e várias outras histórias que aparecem no decorrer do livro. Tudo isso sobre uma ótica em que a imaginação toma conta: essa obra se confunde e se encontra com a realidade desse período:

O imaginário é, pois, representação, evocação, simulação, sentido e significado, jogo de espelhos onde o “verdadeiro” e o aparente se mesclam, estranha composição onde a metade visível evoca qualquer coisa de ausente e difícil de perceber. Perseguido como objeto de estudo é desvendar um segredo, é buscar um significado oculto, encontrar a chave para desfazer a representação do ser e parecer (PESAVENTO, 1995, p. 24).

Visto a relevância dessa obra no período que foi escrita, e para as percepções sobre a história medieval como um todo, cabe aqui algumas questões relevantes: As histórias passadas durante a Idade Média revelam a realidade da época? De que modo as histórias de Viajantes contribuíram para a construção desse imaginário? Jean de Mandeville foi um desses viajantes ou foi apenas mais um personagem da história que se apropria das suas concepções para escrever sobre esse tempo? Jean de Mandeville existiu? De que modo as histórias contadas por ele influenciaram o imaginário das pessoas da época? Esse imaginário sobre a Idade Média ainda persiste nos dias de hoje? Essas histórias podem

significar uma forma de descrever o que os indivíduos acreditavam? Qual legado dessas obras para história medieval?

As obras literárias como fonte histórica, sendo essa ou não sua intenção no momento em que foi escrita, podem contribuir para entender a história de povos, civilizações bem distintas e distantes, além de identificar e mapear seus valores, crenças e hábitos. Compreender, investigar e questionar essa fonte contribui para que evite criar julgamentos, conceitos ou até mesmo identidades falsas sobre um período. A idade média, por exemplo, foi atribuída durante um longo tempo sob uma ótica simplista, peculiar e até negativa, por isso, o imaginário que se criou sobre ela é digno de problematização para que argumentos e embasamentos pouco explorados não sejam legitimados equivocadamente.

Para o desenvolvimento da pesquisa, será utilizada a versão traduzida e comentada da professora e medievalista Susani Silveira Lemos França, na qual faz uma organização dos relatos presentes no livro de Jean de Mandeville.

Dessa forma, essa pesquisa visa compreender e responder dentro do possível as questões acima mencionadas, ou seja, de que modo essa obra de Mandeville interferiu e contribuiu para a construção do imaginário medieval, e isso será possível através de uma análise crítica da obra. Vale ressaltar que não cabe aqui buscar a veracidade das histórias contadas no livro e nem tão pouco investigar sobre a existência ou não de Jean de Mandeville, mas, a relevância da obra dentro do imaginário no período em que foi escrita.

DESENVOLVIMENTO

A obra Viagens de Jean de Mandeville é dividida por vários capítulos, na qual cada um deles fala sobre os lugares que Mandeville teria visitado ou encontrado durante sua viagem pelo oriente. Dessa maneira, é descrita além das características geográficas e climáticas, mas também comentários acerca das histórias de cada um desses lugares. Com base nisso, o método de análise consiste na leitura geral desses capítulos, entender sobre qual ótica essas considerações foram construídas e de que forma elas podem ilustrar o imaginário do período. Algumas passagens e alguns relatos serão sinalizados de maneira mais acentuada para ilustrar tais histórias.

Primeiramente, para compreender o universo dessa obra é relevante falar um pouco sobre o seu suposto autor, mais conhecido como Jean de Mandeville, tal como está

presente no nome do livro, foi talvez um viajante, um cavaleiro ou certamente um escritor do século XIV. A verdade é que sabe-se muito pouco sobre ele, o que de modo geral é comum na Idade Média. Assim como as histórias contadas em sua suposta obra, a sua própria vida é cheia de mistério. A cidade que aparentemente é sua cidade de origem é em Santo Albano, e seu falecimento por volta do ano de 1372 em Liège, na Bélgica. Inclusive o próprio nome de Jean de Mandeville é questionado, sugerindo que seu verdadeiro nome poderia ser Jean de Bourgogne ou Jean d' Outremeuse. Existe ainda uma vertente na qual acredita que Jean de Mandeville nunca existiu, que esse não passava de um personagem de ficção, sob a qual “verdadeiro” autor teria se escondido (FRANÇA, 2007, p.14).

No entanto, para seus contemporâneos entre os anos de 1386 até 1459 a identidade do autor parecia clara justamente por conta da introdução da edição de seu livro, pois havia nessa inscrição, além da condição de cavaleiro, características como ‘barbado’, sendo um indicativo para muitos da sua atuação como médico e da sua profunda religiosidade. Contudo, no final do século XIX e início do XX vendo a relevância das discussões e dos relatos trazidos por Mandeville, estudiosos começaram a questionar a autenticidade da sua obra, das suas fontes e da própria identidade do autor. Tratando-se de uma obra considerada pelos estudiosos como uma recolha de relatos, roteiros, crônicas, tratados que circulavam pela Europa na segunda metade do século XIV (FRANÇA, 2007, p.15).

(...) cabe a nós, não mais tão convictos de possibilidade de se alcançar o real, senão a partir das suas elaborações linguísticas, perguntar como uma viagem, provavelmente imaginária, ou pelo menos imaginária em sua maior parte, pôde ter tocado tão profundamente os homens trecentistas, quatrocentistas e até quinhentistas? (FRANÇA, 2007, p.15).

Diante dessa provocação, não interessa mais saber se o autor é falsário ou um plagiário, mas sim o motivo pelo qual seus escritos causaram tanto fascínio a ponto de seus contemporâneos acreditarem em seus relatos, mesmo diante de tantas histórias desconhecidas e excêntricas. Talvez a curiosidade sobre esse desconhecido não palpável, presente só na imaginação foi um dos motivos pelo grande sucesso da obra.

Tendo em vista os relatos iniciais de sua obra, Mandeville saiu em viagem no ano de 1322, provavelmente no dia 19 de Setembro, dia de São Miguel saindo diretamente da

Inglaterra, tendo com itinerário países como Irlanda, Gales, Escócia ou Noruega indo até a antiga Constantinopla para posteriormente ir para a cidade de Jerusalém, a Terra Santa.

Mandeville fala sobre os povos que vai encontrando pelo caminho até os povos do “Oriente mais distante” (regiões da Ásia). Para além de Jerusalém, que segundo ele e outros devotos do seu tempo era o ponto central do mundo, que inclusive a concepção de geografia era de fundo religioso, fala de lugares já apreciados em livros antigos, de várias histórias de cunho mitológica e fantasiosa, como exemplo, a de uma donzela que tinha sido transformada em dragão e só voltaria a sua forma humana através do beijo de um cavaleiro suficientemente ousado que a beijasse na boca.

É possível constatar que Mandeville divide os povos em dois mundos, no qual aparecem bem definidos no livro: o primeiro diz a respeito dos personagens bíblicos, das regiões do Egito e de Jerusalém, e aquele outro mundo dos infiéis. Esses, os infiéis, segunda ele, tinham crenças enganosas, em que os cultos à seus ídolos eram feitos de pano. Fala de costumes estranhos presentes em alguns povos distantes, como a nudez, a falta de higiene e de decência dos Tártaros que comiam qualquer tipo de carne e pouco pão. Falava de lugares em que mulheres era muito feias e mal vestidas e que seu comportamento condenável era associada a sua feiura. Aponta sobre um lugar onde tanto os homens quanto as mulheres tinham a cabeça de cão, entre outros, misturando a natureza dos animais com sua própria natureza.

Escreve sobre os orientais, da Índia da China, das Ilhas Orientais e da terra das Amazonas, onde não haviam homens só mulheres. Aponta sobre uma terra onde haviam cães tão grandes que atacavam até leões, de lugares em que as pessoas tinham apenas um pé e que esse servia para tapar do sol, dar sombra ao próprio corpo. Relata ainda sobre uma ilha com grandes montanhas de ouro guardadas por formigas, essas purificariam o ouro puro do não puro e eram grandes como cachorros e não deixavam ninguém se aproximar.

As histórias trazidas na obra de Mandeville sobre os lugares distante de Jerusalém, além de incitar e estimular o imaginário do povo do seu tempo, também mostra uma intrínseca relação entre o religioso cristão e o pagão: com a difusão do cristianismo na Idade Média, essa crença em regiões paradisíacas e amaldiçoadas, eram determinadas pelas crenças de seus povos, ou seja, todo lugar em que qualifica os povos descritos como feios, pouco higiênicos, com a aparência física totalmente distorcida da aparência humana eram certamente pagãos.

A grande maioria dos povos do Ocidente desse período, não conhecia as regiões denominadas por Mandeville como o “Oriente distante”, as informações que tinham sobre essas regiões se davam por meio de relatos de várias naturezas: de vertente religiosa, de mercadores, peregrinos, de embaixadores, ou seja, na medida que essas histórias iam se espalhando, maior eram as possibilidades delas serem acrescentadas ou apropriadas de acordo com suas próprias concepções.

Nesse livro, o autor atraiu muitos homens do seu tempo, seus relatos foram muito apreciados por personagens históricos importantes, como Cristóvão Colombo, que provavelmente leu sua obra e os livros de Viagens de Marco Polo, em sua viagem de conquista para os Reis Católicos Fernando de Aragão e Isabel de Castela em que acreditava ter chegado ao Oriente, pois imaginou conquistar para os seus soberanos uma faixa de terra fronteiriça ao império do Grande Cã.

A excentricidade de lugares distantes e desconhecidos não trazia apenas repúdio, mas também criava uma expectativa sobre ele. Desde modo, o imaginário medieval foi sendo construído na perspectiva desses textos, de textos de sagrados, e do que ouviam falar, visto que a literatura medieval é mormente feita pelos ouvidos.

Para o francês Jacques Le Goff, o imaginário é um fenômeno que faz parte do coletivo e de toda as relações sociais e históricas, influenciando o modo de enxergar mundo, ou seja, está presente tanto no passado como também na cultura dos pensamentos, nas ações, nas palavras, no sentido do funcionamento da sociedade em uma determinada época. Conhecer sobre o imaginário de um povo ou de uma sociedade de um tempo é tão importante quanto conhecer sua história.

Ainda em Le Goff, em sua obra ‘História e Memória’ dentro do capítulo ‘Documento/Monumento’ onde o autor remonta que com o passar do tempo o questionamento sobre o que deveria ser rotulado como documento ainda persistia, inclusive cita a importância do saber por meio de mitos, fábulas e, sobretudo textos:

Numa lição pronunciada em 1862 na Universidade de Estrasburgo, declarou: “Onde falam os monumentos escritos, deve a história demandar às línguas mortas os seus segredos [...]. Deve escutar as fábulas, os mitos, os sonhos da imaginação [...]. Onde o homem passou, onde deixou qualquer marca da sua vida e da sua inteligência, aí está a história” (ed 1901, p. 245) (LE GOFF. 2008, p. 530).

Entre as indagações em *'Documento/Monumento'*, umas das conclusões se atêm em que se o objeto possui importância dentro da memória ou da imaginação coletiva em determinados grupos, ele pode ser visto como documento. Seguindo por este conceito, a obra de Mandeville, responsável por tanto protagonismo no seu tempo, se torna de qualquer ângulo visto como um documento representante de sua geração. Nesse sentido se torna mais uma importante fonte para conhecer sobre a história desse período.

CONCLUSÃO OU CONSIDERAÇÕES FINAIS

Independente das histórias encontradas na obra de Jean de Mandeville, ou de quem as escreveu, ou daquele que colheu informações de diversas fontes para escrever o livro, o todo é indiscutivelmente relevante para compreender o imaginário da época.

Essa obra não tem como função exaltar os julgamentos e considerações feitas pelo autor nem tão pouco o próprio autor, mesmo que na época isso poderia ter trazido algum prestígio para ele, e para os povos que ele descreveu, hoje essa obra é uma importante fonte para exemplificar a íntima relação entre o imaginário e o real, na qual ambas dimensões são formadoras do social.

Conhecer a obra de Mandevilli não legitima as histórias contidas nela, mas mostra muito sobre o tempo em que se fala e sobretudo sobre o homem daquele tempo: a Europa ocidental estava cada vez mais próxima do desconhecido, o que, evidentemente, gerava um grande interesse, ou seja, os escritos de Mandeville falava tudo aquilo que os homens do seu tempo gostavam de saber.

Com isso, aqui foi possível ver, respondendo talvez uma das questões iniciais proposta, a obra serviu além do previsto: serviu como testemunho do imaginário dos povos da época, como também influenciou o imaginário dos mesmos.

ABSTRACT

This article aims to analyze how the stories told by Jean de Mandeville, from his work *The Travels of Sir John Mandeville* caused interference and contributed to the construction of medieval history and consequently to his imagination. This literary work, supposedly completed between 1356 – 1357 years, is composed of reports about his supposed travels around the world, along with other literary sources and geographical references, which told stories from different places in the world, mainly in the Middle East, in places of both religious and mythological representation. His literary work was, undoubtedly, quite popular on the European continent in the 14th, 15th and 16th centuries, being one of the most read by several European languages. However, his way of writing, often unusual at the time, as well as the use of other sources and his extensive reports, pointed out inconsistencies, causing nineteenth-century researchers to contest the origin of their stories and also their own identity. For the development of this research, the

edition translated by Susani Silveira Lemos França was used. Thus, through this literary work, it will be possible to map the stories told by the author and identify those seductive stories that may have contributed to the development of the imagination of that period.

Keywords: Middle Age, Medieval Imaginary, Jean de Mandeville.

REFERÊNCIAS

FRANÇA, Susani Silveira Lemos. Introdução. In: **Viagens de Jean de Mandeville**. Bauru, SP: EDUSC, 2007.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento In: **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão. – 5ª edição – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

LE GOFF, Jacques. **O Imaginário Medieval**. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.

PESAVENTO, Sandra. **Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário**. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 15, no 29, 1995.